

## UMA QUESTÃO METODOLÓGICA: O INTERESSE COGNITIVO EM MAX WEBER

Henrique Florentino Faria Custódio

### Resumo

Para Max Weber, a sociedade não pode ser compreendida em sua totalidade. Max Weber tem como referência uma realidade infinita e complexa, analisada a partir de um determinado ponto de vista. O problema da seleção da realidade nas ciências histórico-sociais, abordado por Max Weber no início da segunda seção dos *Estudos críticos sobre a lógica das ciências da cultura*, é fundamental para a estrutura de sua metodologia científica. Este momento pré-científico da metodologia é que permitirá a construção de uma possível constelação causal. É o investigador que, dotado de interesse, seleciona a realidade e dá sentido a ela. Demonstra, agindo desta maneira, o que merece ser para ele conhecido no fluxo infinito da realidade. Argumenta Max Weber que a “relação com os valores” permite ao cientista o recorte e ordenação do objeto, conferindo sentido a esta parte da realidade que detém significação geral para o pesquisador. Assim, o argumento principal aqui exposto estabelece a importância do interesse cognitivo para Max Weber, já que em sua metodologia o conhecimento seria sempre fruto de um recorte particular, da seleção de um conjunto específico de problemas. Essa seleção ou recorte particular seria, necessariamente, feita a partir das referências do cientista.

### Palavras-Chave

Interesse cognitivo. Max Weber. Relação com os valores.

## A METHODOLOGICAL QUESTION: COGNITIVE INTEREST IN MAX WEBER

### Abstract

For Max Weber, society cannot be comprehended in its entirety. He has as a general reference an infinitely complex reality which is analyzed from a determined point of view. The problem of reality selection in the historic-social sciences which is treated by Max Weber in the beginning of the second section of his *Critical Studies about the logic of the cultural sciences* is fundamental for the structure of his scientific methodology. This pre-scientific moment of methodology is that which permits the construction of a possible causal constellation. It is the interested investigator who selects a reality and makes sense of it. Acting in this manner, he demonstrates what he considers worthy of being known by him in the infinite flux of reality. Max Weber argues that a ‘relationship to values’ permits the scientist to select and arrange an object and give sense to it in that part of reality which holds general signification for him. Thus, the principal argument exposed here establishes the importance that

cognitive interest has for Max Weber, especially since in his methodology, knowledge is always the fruit of a particular selection which is made within a specific group of problems. This particular selection or choice of an object would necessarily be made according to the scientist's own preferences.

### **Key words**

Cognitive interest. Max Weber. Relationship to values.

## **1. Introdução**

Max Weber nasceu em Erfurt em 1864 e faleceu em junho de 1920, em Munique, à idade de 56 anos. Seu pai era um jurista de formação, advogado abastado, tendo sido parlamentar nacional-liberal à época de Bismark. Sua mãe, uma mulher culta e devota, lhe conferiu uma educação marcada pelo rigor calvinista. Weber realiza sua formação em várias cidades como Berlin, Heidelberg e Göttingen. Seu trabalho acadêmico tem início no campo do Direito e da História jurídica. Com produção intelectual intensa, interrompida apenas por graves problemas de saúde, Weber amplia seus estudos realizando pesquisas na área de política, história e filosofia.

A pesquisa weberiana que interessa para este trabalho está circunscrita ao debate metodológico e a sua intenção de propor um método seguro para as ciências histórico-sociais. O texto base, escrito por Weber em 1906 e intitulado *Estudos críticos sobre a lógica das ciências da cultura*, compõe um volume intitulado *Gesammelte Aufsätze zur Wissenschaftslehre* (Ensaio sobre teoria da ciência). Estes ensaios foram reunidos em um volume preparado pela mulher de Weber, Marianne Weber, a quem se deve seu título e sua publicação em 1922.

A metodologia weberiana procura construir as condições fundamentais que assegurem a objetividade nas ciências históricas-sociais. Esta investigação mostra-se importante para entender como constrói-se e como opera o interesse cognitivo na metodologia weberiana, patenteando como Weber edifica as bases de sua teoria do conhecimento. Este momento pré-científico da metodologia é que irá permitir a construção pelo pensamento de uma possível constelação causal.

## 2. Um informe clínico a cargo do próprio paciente

Na tentativa de resolver problemas concretos para a ciência, Max Weber toma por objeto de estudo o trabalho histórico, em especial o de um renomado historiador, Eduard Meyer. Para demonstrar e fundamentar o trabalho histórico, Eduard Meyer torna-se um exemplo para Weber da confusão lógica em que se encontram as ciências especializadas. Tendo os historiadores a necessidade de demonstrar suas finalidades e métodos, sobrepassam os limites de sua disciplina para entrar no domínio da teoria do conhecimento. Eles edificam, como escreve Max Weber, um informe clínico a cargo do próprio paciente e não a cargo do médico. O historiador, um não especialista, é forçado a produzir uma análise em um domínio que não é seu: o dos fundamentos lógico-metodológicos. Assim, este não especialista é compelido a lançar os fundamentos dos objetos que surgiram de sua opção metodológica. Partindo desta análise weberiana, pretendemos com este artigo examinar como Weber edifica e fundamenta o conceito de interesse cognitivo, presente em sua metodologia científica, com o intuito de construir um caminho seguro (objetividade) para as ciências histórico-sociais.

## 3. O interesse cognitivo

O problema da seleção da realidade nas ciências histórico-sociais, abordado por Weber no início da segunda seção dos *Estudos críticos sobre a lógica das ciências da cultura*, é fundamental para a estrutura de sua metodologia científica. Este momento pré-científico da metodologia é que permitirá a construção de uma possível constelação causal.

Para Weber, a sociedade não pode ser compreendida em sua totalidade. Weber tem como referência uma realidade infinita e complexa, analisada a partir de um determinado ponto de vista. Weber quer fundamentar a “[...] validade de uma ordenação em pensamento da realidade empírica” (WEBER, 1975, p. 272) e, para tanto, distingue conhecimento de julgamento de valor. A possibilidade de seleção entre a infinidade de elementos determinantes é condicionada pelo tipo de interesse histórico do cientista. Ao se afirmar que a

história deve compreender de maneira causal a realidade concreta de um “acontecimento” em sua individualidade, não se quer concluir com isto, diz Weber, que a história deva explicar causalmente e “reproduzir” por completo a totalidade das causas individuais. Esta seria uma tarefa não apenas impossível de fato, mas absurda por princípio.

Max Weber inicia a segunda seção dos *Estudos críticos sobre a lógica das ciências da cultura* com uma citação de Eduard Meyer, na qual este afirma que a deflagração de algumas guerras foi proveniente de decisões individuais. Estes indivíduos poderiam ter decidido de outra maneira, assim como outras personalidades, modificando o curso histórico. Meyer propõe que não se poderia responder à questão de se a guerra iria começar ou não, caso a decisão destes indivíduos houvesse sido outra. Este questionamento para ele figura-se inútil, porque não pode ser elucidado.

A crítica de Weber inicia-se propondo que a segunda afirmação de Meyer, sobre a inutilidade de uma questão científica, não é congruente com sua formulação sobre “liberdade”<sup>i</sup> e “necessidade” no decurso histórico. Opondo-se à idéia de que haveria questões irrelevantes para a ciência, salienta que cumpre saber quais questões não podemos responder ou que não poderemos responder com precisão. Propor como objeto se a decisão de Bismarck tivesse sido outra (não declarar a guerra) e do que haveria de suceder no decurso histórico não é algo carente de sentido. Formular uma possível cadeia causal, que seja apenas hipotética, uma vez que os acontecimentos históricos já ocorreram, pode auxiliar na formulação de um saber. Esclarece Weber que é necessário assegurar-se sobre que posição esta decisão deve ocupar na exposição histórica, e sobre qual significação causal irá atribuir-se a esta decisão individual dentro da totalidade dos “movimentos”, infinitos em números, dispostos dentro de uma cadeia causal de um modo e não de outro, para a produção do resultado (a guerra). Como explica Gabriel Cohn:

Para ele (Weber) interessa saber como, *em situações particulares*, as legalidades próprias das diversas esferas de ação se articulam para resultar numa orientação específica das ações de muitos agentes, e como essas configurações singulares podem dar origem a linhas de ação, a sentidos ou então a valores novos, que por sua vez possam ser reincorporados na dinâmica das diferentes esferas da existência histórico-social (COHN, 1979, p. 144).

Portanto, o trabalho do historiador não é meramente uma narrativa dos acontecimentos. O historiador não descreve a realidade como ela é de fato. A “reprodução” da realidade pelo historiador se dá mediante uma interpretação. O conhecimento não é um retrato fiel da realidade. O conhecimento da realidade é parcial e fragmentado, o que o pesquisador consegue obter em sua investigação é apenas uma compreensão aproximativa da realidade. Salienta Gabriel Cohn que “na posição estritamente metodológica assumida por Weber o conceito é o instrumento que o pesquisador forja para ordenar um segmento da realidade e construir seu objeto. Entre o conceito e o real estabelece-se uma enfática separação” (COHN, 1979, p. 116).

Nega-se com isso que o conhecimento histórico possa ser uma reprodução ou uma cópia integral da realidade. É sempre salutar lembrar que Weber opera com o pressuposto (é uma hipótese) de que o real é infinito e inesgotável. Cabe ao método erigir um saber válido para determinado conjunto de objetos, e não reproduzir a realidade em sua totalidade. O movimento histórico é considerado conforme um ponto de vista, não possuindo o fato nenhuma ligação com alguma necessidade histórica. Então, Weber esclarece que:

Todo conhecimento racional da realidade infinita através do espírito humano finito se assenta, portanto, sobre o tácito pressuposto de que, de cada vez só uma *parte* finita desta realidade deve formar o objeto da apreensão científica, de que somente ela deve ser ‘essencial’ no sentido de ‘digna de se saber’ (WEBER, 1975, p. 282).

Ao se relacionar com esta realidade inesgotável, agindo com relação a valores, o cientista constrói um recorte desta realidade, que possui significação para ele. O cientista por meio do método não apreende a realidade na sua totalidade, o conhecimento humano é limitado por suas faculdades. Portanto, não há uma necessidade no decurso histórico. Existe uma autonomia das esferas da ação em Weber, pois “(...) cada esfera da ação desenvolve-se, enquanto processo, conforme sua *lógica imanente particular*, ao mesmo tempo que entra em contato e estabelece relações com as demais, *através dos sujeitos individuais*” (COHN, 1979, p. 141). Os sujeitos individuais, os agentes,

são os portadores da ação em Weber. É na ação dos agentes que se estrutura a análise weberiana.

Cabe ao historiador construir o “vir a ser” histórico de um fato individual concreto, propondo causas possíveis para seu desenvolvimento. Ao analisar um fato histórico, como a batalha de Maratona, o cientista constrói teoricamente as relações causais que propiciaram a constituição deste fato individual concreto. A construção teórica das relações causais de um fato individual concreto (que ocorreu) é levada a cabo a partir de hipóteses levantadas pelo cientista. Estas hipóteses sustentam que um acontecimento pode ter acontecido daquela maneira e não de outra. É uma possibilidade do “vir-a-ser” do fato individual concreto estudado. Concorda Weber com Meyer que a história trabalha com os acontecimentos do ponto de vista do “vir a ser”, mas seu objeto não está submetido a nenhuma “necessidade” própria do “vir a ser”. Compete ao historiador, diz Weber, que na apreciação da significação causal de um acontecimento concreto se comporte de maneira semelhante ao ator histórico, que quer e toma posição, e não agiria assim se sua ação se lhe afigurasse como “necessária” e não meramente como “possível”. A diferença se encontra nisto, escreve Weber:

El hombre que actúa sopesa, en la medida en que lo hace de manera estrictamente racional – lo que aquí suponemos – las condiciones, dadas de acuerdo con el patrón de su conocimiento de la realidad y ‘externas’ a él, del desarrollo futuro que le interesa; luego inserta idealmente en un nexo causal distintos ‘modos posibles’ de su propio comportamiento y resultados que cabe esperar en conexión con aquellas condiciones ‘externas’; por fin, de acuerdo con los resultados ‘posibles’ obtenidos de este manera (idealmente), se decide, como adecuado a su ‘fin’, por uno u otro de los modos de comportamiento (WEBER, 1958, p. 152).

O uso de *externas* entre aspas corrobora o entendimento de que não devemos tomar a realidade como coisa já dada, como provida de um caráter ontológico. O ator histórico escolhe, pondera sobre as circunstâncias dadas (as que conhece) e as relaciona com o propósito do que almeja. Dentre as possibilidades estudadas mentalmente, decide, em relação ao comportamento a adotar, qual melhor o levaria a realizar seus objetivos. Afirma Weber que o historiador torna-se superior ao ator histórico nisto:

En todo caso sabe a posteriori si la apreciación de las condiciones dadas, que se presentaron como ‘externas’ a este, se correspondieron conforme a

los conocimientos y expectativas alentados por el actor, con la situación real entonces existente; y esto es algo que la 'consecuencia' fáctica de la acción enseña (WEBER, 1958, p. 152).

O distanciamento do fato ocorrido no tempo permite ao historiador fazer um levantamento das condições nas quais se encontrava o ator histórico. Verifica-se se o propósito do ator estava em conformidade com suas expectativas e circunstâncias dadas, por fim, constroem-se as relações que disso se originam. Para a história interessa a construção das relações causais dos “elementos” e “aspectos” de um respectivo acontecimento, que sobre um ponto de vista possui “significação geral”, tornando-se um *interesse* histórico. Através do interesse do cientista é que um acontecimento ganha “existência”, pois um fato não possui significação própria. Interpretamos e compreendemos a realidade, ela não é imediata. O significado nunca é dado diretamente pelo objeto. Sobre a significação de uma ocorrência não ser inerente ao objeto, discorre Weber:

A qualificação de uma ocorrência como um fenômeno “sócio-econômico” não é algo que lhe é “objetivamente” inerente como tal. É antes condicionada pela orientação de nosso *interesse* cognitivo, tal qual resulta da significação cultural específica que, num caso particular, atribuímos à ocorrência em questão (WEBER, 1975, p. 275).

O conhecimento seria sempre fruto de um recorte particular, da seleção de um conjunto específico de problemas. Essa seleção ou recorte particular seria, necessariamente, feito a partir das referências do cientista.

Este posicionamento frente a valores, implicando em uma “relação com os valores”, é que direcionará o cientista no recorte da realidade complexa e infinita. Comenta Julien Freund:

Dada a infinidade extensiva e intensiva da realidade empírica que nenhuma ciência consegue abarcar integralmente, aquela relação surge como princípio de seleção, condição de um conhecimento pelo menos parcial. Mais exatamente, ela é o momento subjetivo que torna possível um conhecimento objetivo limitado, desde que o sábio tenha consciência dessa limitação inevitável (FREUND, 1987, p. 44).

Este momento pré-científico é que permite ao cientista construir seu objeto de investigação, já que a significação não está contida no objeto. É o investigador que, dotado de interesse, seleciona a realidade e dá sentido a ela.

Demonstra, agindo desta maneira, o que merece ser para ele conhecido no fluxo infinito da realidade. A investigação pressupõe que “[...] de fato existe um tipo incondicionalmente válido de conhecimento, quer dizer, de ordenação em pensamento da realidade empírica” (WEBER, 1975, p. 275). Procedendo assim, o cientista nos apresenta uma parte da realidade, um recorte dentro de uma infinidade de eventos.

A ciência constitui-se em interpretação da realidade, é a tentativa de dar sentido ao que se apresenta como confuso e desprovido de relação causal. Neste sentido, fica demonstrado por Weber na citação a seguir que a ciência é uma construção teórica da realidade que não nos é imediata.

Queremos compreender, *em sua especificidade*, a realidade da vida que nos envolve e na qual estamos imersos – a interconexão e a *significação* cultural de seus fenômenos singulares em sua configuração hodierna de um lado, as razões de seu ter-vindo-a-ser-de-tal-modo-e-não-de-outro histórico de outro lado (WEBER, 1975, p. 282).

Esse processo coloca os fenômenos e os significados das coisas num eterno estado de transformação, tornando-os uma fonte inesgotável para abordagens científicas. A especificidade na história se alcança mediante a construção das possibilidades de realização dos fatos passados a partir de uma constelação de causas condicionada de um modo e não de outro. O interesse cognitivo permite então a sustentação de um ponto de vista científico em contraposição a outros pontos de vista que debatem sobre um mesmo fenômeno. É no recorte do empírico, que possui significação para o investigador, que se inicia a construção das “determinações” do objeto.

#### 4. Considerações Finais

Argumenta Weber que a “relação com os valores” permite ao cientista o recorte e ordenação do objeto, conferindo sentido a esta parte da realidade que detém significação geral para o pesquisador. Partindo do pressuposto teórico de que a realidade é infinita e a possibilidade de conhecimento humano desta realidade é finita, o recorte da realidade pelo cientista mediante seu interesse cognitivo é a primeira etapa do método em Weber. Conforme já foi salientado, na metodologia weberiana, o interesse cognitivo se caracteriza como sendo o



momento pré-científico que permite ao cientista construir seu objeto de investigação. É o investigador que, dotado de interesse, seleciona a realidade e lhe imputa um sentido.

Com isto, sustentamos neste artigo a fundamentação do interesse cognitivo na construção da objetividade das ciências histórico-sociais, conforme a orientação da metodologia científica weberiana.

## 5. Referências

BENDIX, Reinhard. *Max Weber, um perfil intelectual*. Tradução de Elisabeth Hanna e José Viegas Filho. Brasília: Unb, c1986.

COHN, Gabriel. *Crítica e resignação: fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. *Max Weber e a história*. Tradução de Eduardo Biavati Pereira. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FREUND, Julián. *Sociologia de Max Weber*. 4ª ed. Tradução de Luis Cláudio de Castro e Costa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

SAINT-PIERRE, Hector Luis. *Max Weber: entre a paixão e a razão*. Campinas: UNICAMP, 1994.

SENEDA, Marcos César. *O problema da evidência e da validade nas ciências empíricas da ação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

WEBER, Max. *Ensayos sobre metodología sociológica*. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1958.

\_\_\_\_\_. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. da Unb, 1991.

\_\_\_\_\_. *Metodologia das ciências sociais, parte 1*. 3ª ed. Tradução de Augustin Wernet; introdução à edição brasileira de Mauricio Tragtenberg. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. A "objetividade" do conhecimento sociocientífico e sociopolítico. *Revista Instituto de Filosofia e Ciências Humanas*. Tradução de Udo Baldur Moosburger. Porto Alegre: Editora da UFRGS, Ano 03, nº 03, p. 264-315, 1975.

---

<sup>i</sup> O uso das aspas em determinadas palavras segue a risca o emprego de Weber no texto base. Ele procurava dar ênfase às palavras ou indicava com o sinal lingüístico suas reservas de todo tipo.